

Análise de uma polêmica: Charge de Carlos Latuff sobre a ROTA comando.

Analysis of a controversy: Charge of Carlos Latuff about the ROTA command.

Resumo:

O presente texto procura analisar uma *charge* produzida pelo cartunista Carlos Latuff, no ano de 2013 e que, em 2015, foi usada em um projeto realizado numa escola paulista e causou polêmica em torno da imagem, que tem uma crítica muito grande em relação à atuação da polícia brasileira (no caso representado pela ROTA - Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), uma das polícias com mais casos envolvendo morte de suspeitos nos chamados “autos de resistência”. No entanto, foi percebido que a imagem não sofreu uma análise mais rigorosa no projeto desempenhado pela escola; assim sendo, esse é um dos objetivos desse texto.

Palavras chaves: Charge, Educação, Ações policiais

Abstract:

This text seeks to analyze a charge produced by the cartoonist Carlos Latuff in the year 2013. Two years later the charge was used in a project carried out in a School at the State of São Paulo- Brazil and caused controversy around the image that has an intense criticism in relation to the performance of the Brazilian police, in the case represented by the ROTA (Rounds Ostensive Tobias de Aguiar), one of the police forces with more cases involving death of suspects during the "acts of resistance". However it was noted that the image of the charge produced by Latuff was not submitted to a strict analysis in the project executed by the school. The objective of this paper is right do an analysis more detailed of that charge.

Key words: Charge, Education, Police action.

1. O que é a charge:

O termo charge é proveniente do francês “charger” (carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero. Ela se caracteriza por ser um texto visual humorístico e opinativo, que critica um personagem ou fato específico. A charge é um tipo de cartum “cujo objetivo é a crítica humorística de um fato ou acontecimento específico, em geral de natureza política”. (RABAÇA e BARBOSA, 1978, p. 89). A charge também busca fazer um recorte no tempo e evidencia alguma questão, que considera merecer algum tipo de crítica ou que fique gravado em algum tempo histórico. A questão fundadora da charge “é composição das imagens com elementos espaço temporais que apontem para um determinado acontecimento ou uma característica sócio-temporal (que denuncie um *Zeitgeist*) (LIEBEL, 2010, p.2). O humor e a violência são outros dois elementos comumente presentes na linguagem da charge. Porém, conter esses elementos não é regra nas charges, existem algumas charges que não usam esses elementos, no entanto esses subsídios predominam. O humor e a violência quando empregados na charge são apontadores de traços importantes da sociedade ou de algum grupo assim: “promovendo

revelações acerca do *habitus* em questão bem como da estrutura mental, da *Weltanschauung*¹ e do imaginário.

2. Apresentação da charge:

A charge de Carlos Latuff que desejamos analisar foi desenhada e publicada no ano de 2013, no cenário histórico em que a ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) era homenageada pela câmara dos deputados de São Paulo. O artista, com uma opinião contrária a essa homenagem, usou do recurso da charge para expressar seu posicionamento. Ironicamente, em 2013, ano da publicação, não houve tanta controvérsia. Apenas dois anos mais tarde, depois de um projeto desenvolvido numa escola por professores de História, Filosofia e Sociologia em Sorocaba no estado de São Paulo é que a charge repercutiu e uma polêmica em torno da imagem ganhou visibilidade.

O projeto escolar consistia em avaliar a violência policial e como ela influenciava na vida do cidadão. Segundo a escola, tiveram vários *banners* que foram construídos pelos alunos, porém ao que parece apenas um desses banners foi fotografado e disseminado nas redes sociais e usado como o resumo deste trabalho e é exatamente neste *banner* que está a charge de Carlos Latuff, um personagem em forma de caveira com um uniforme da ROTA, com uma caixa do que seria a sua homenagem e dentro dela um homem algemado, negro e descalço, caído morto sobre seu próprio sangue e ainda na parte de dentro da caixa uma mensagem irônica que na verdade é uma crítica a ROTA e ao Estado Brasileiro, por conceder uma homenagem a uma instituição violenta, na perspectiva de Latuff. Parece-nos que focar apenas esse *banner* na escola foi uma estratégia de alguém de dentro ou mesmo fora da escola para desmoralizar o trabalho e criar polêmica. A Polícia militar em nota de repúdio declarou:

[...] Não queremos acreditar que, em pleno século XXI, profissionais da área de ensino posicionem-se de maneira discriminatória, propagando e inculcando o discurso de ódio em desfavor de profissionais da segurança, estimulando seus alunos a agirem sem embasamento e direcionando-os de acordo com ideologias anacrônicas, que em nada contribuem para a melhoria da sociedade. [...] (POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO, Esclarecimento e Repúdio, 2015).

Um dos professores envolvidos por outro lado afirmando que o objetivo central era refletir — a partir do estudo do livro “Vigiar e Punir”, do filósofo Michel Foucault — sobre o trabalho da polícia e não criminalizar ou ofender esse trabalho; e argumentando que o resultado foi positivo já que os alunos se manifestaram em defesa do trabalho: “Significa que eu sou um bom professor e consegui cumprir o meu objetivo, que foi dar o conteúdo. Eles sabiam do que se tratava e não foram revolucionários de facebook.” (DIÁRIO DE SOROCABA, “Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da

¹ *Weltanschauung* **cosmovisão** ou **mundividência** é a orientação cognitiva fundamental de um indivíduo ou de toda uma sociedade. Essa orientação abrange sua filosofia natural, seus valores fundamentais, existenciais, normativos, seus postulados ou temas, suas emoções e sua ética. Outro sentido do termo é o de uma imagem do mundo imposta ao povo de uma nação ou comunidade, isto é, uma ideologia. O termo é um calco lingüístico da palavra de origem alemã que significa literalmente "visão de mundo" ou "cosmovisão". Essa palavra alemã é adotada regularmente em diversas línguas para expressar esses significados. Suas origens etimológicas remetem ao século XVIII. Ela é um conceito fundamental na filosofia e epistemologia alemã e se refere a uma "percepção de mundo ampla". Adicionalmente, ela se refere ao quadro de ideias e crenças pelas quais um indivíduo interpreta o mundo e interage com ele.

liberdade de expressão”, 29 de Setembro de 2016). Na visão do educador, a falta de conhecimento sobre a obra levou a julgamentos precipitados.

O artista Carlos Latuff foi até a escola prestar apoio a um dos professores e também deu sua avaliação sobre a questão:

Vendo o meu trabalho sendo utilizado dentro desse contexto estudantil, me dá alegria, uma satisfação muito grande, porque a charge tem um papel editorial, ilustrar uma matéria, o jornal. Quando ela é utilizada por estudantes ou por professores, ela tem um papel vivo, torna-se uma imagem viva, então, a questão é: se a polícia está incomodada com essa imagem, é porque alguma coisa nessa imagem está certa. “Porque, se é só uma charge, só um desenho, não precisava se importar”, afirma o cartunista. (DIÁRIO DE SOROCABA, “Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da liberdade de expressão”, 29 de Setembro de 2016).

Latuff também se mostrou crítico diante do mal-estar gerado com certos temas abordados em seus trabalhos, como foi o caso da escola ao fazer um trabalho que continha a violência policial e não concorda com a intervenção da polícia no ensino:

A gente não pode baixar a cabeça, não pode ter temas que a gente não pode abordar. Eu acho que isso aqui é, acima de tudo, um ato de defesa do professor, dos alunos, dessa escola, mas também de um princípio; o princípio dos direitos humanos, o princípio da liberdade de expressão. Não é a polícia que vai dizer o que o professor deve ou não deve ensinar, ou questionar o conteúdo do ensino. Pelo amor de Deus, não tem condições um negócio desses!” (DIÁRIO DE SOROCABA, “Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da liberdade de expressão”, 29 de Setembro de 2016).

De qualquer forma acreditamos que a imagem teria que sofrer uma leitura mais apurada, que é o objetivo deste trabalho. Por isso nos propomos a analisar de forma mais aprofundada a charge e os seus significados de modo que contribua positivamente para a continuação do debate e também que proporcione novas possibilidades para futuras análises e trabalhos. Abaixo a foto do banner causador da polêmica:

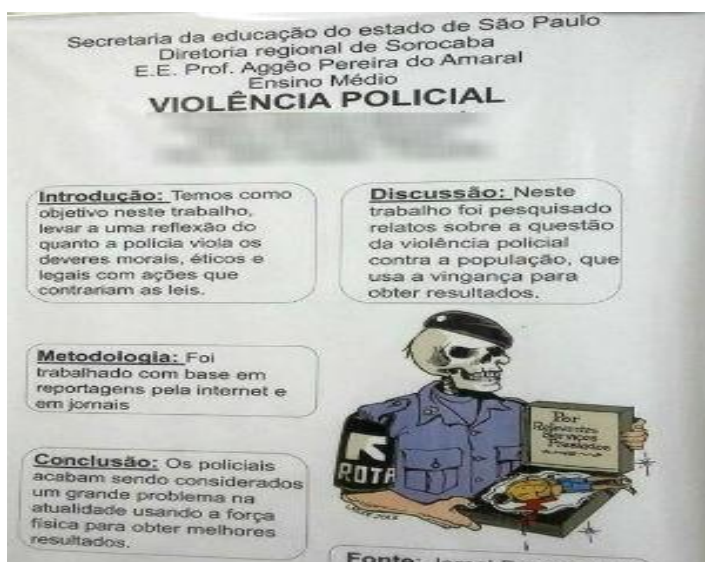


IMAGEM A (Fonte: Página da Globo, o G1, publicada em 17 de setembro de 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/09/trabalho-escolar-questiona-acao-da-pm-grande-problema-na-atualidade.html>)

3. A fonte:

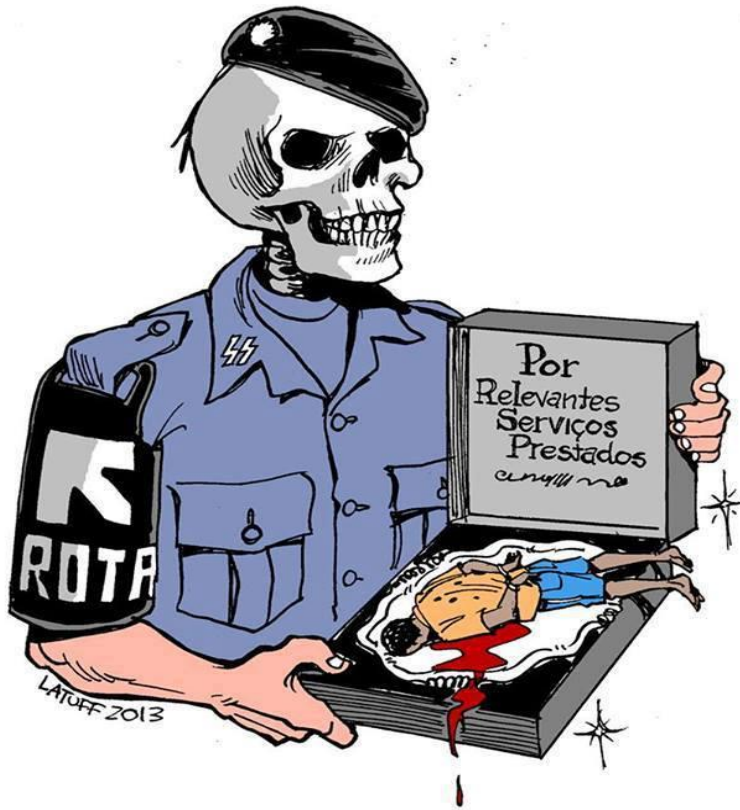


Imagem B (Fonte: Perfil no Facebook de Carlos Latuff, publicada em 4 de junho de 2013 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=246060308865927&set=a.167836366688322.37004.100003858796537&type=1&theater>).

4. Metodologia de análise:

Usaremos o método documentário por poder proporcionar uma visão mais aprofundada da imagem, trazendo à luz indícios que muitas vezes passam despercebidos ao nosso olhar, deixando assim para trás vestígios da constituição da charge e, sobretudo as representações ali contidas. Segundo Liebel “Bohnsack sugere que o caminho tomado seja baseado nas análises iconográfica e iconológica, de Panofsky, e icônica, de Imdahl. O objetivo é alcançar uma compreensão ampla do maior número possível de níveis técnicos imagéticos que compõem a fonte.” (LIEBEL, 2010, p. 4). A metodologia se divide assim em quatro passos: a análise pré-iconográfica e iconográfica que forma a interpretação formulada, e depois as análises iconológica e icônica que formam a interpretação refletida. É importante lembrar a afirmação de Bohnsack: “A interpretação de imagens obteve até o momento uma importância meramente marginal no âmbito dos Métodos Qualitativos nas Ciências Sociais.” (BONHSACK, 2007, p. 1). Diante disso vamos nos valer do método documentário para analisar a imagem em questão e fornecer hipóteses para os envolvidos na polêmica charge.

4.1 Análise Pré-iconográfica

Nessa primeira fase é uma descrição completa da imagem, ou seja, os dados primeiros que a imagem traz com “si”, ou seja, aquilo que pode ser reconhecido na composição geral apenas através das nossas experiências cotidianas. Nessa fase da interpretação, o pesquisador irá descrever as linhas e cores, bem como os elementos representados em suas “formas naturais”, como os animais, as pessoas, o cenário e as emoções dos “representados.” Ou seja, é uma primeira análise mais diagnóstica do cenário que a imagem traz junto, aqui o pesquisador deve descrever de forma detalhada todos os detalhes.

4.2 Análise Iconográfica

Depois dessa primeira fase devemos analisar os elementos iconográficos na imagem. Aqui se interpreta as ações e os gestos contidos na imagem e logo buscando encontrar um sentido para esses elementos. Segundo Vinicius Liebel “[...] Panofsky diferencia o reconhecimento prático dos níveis pré-iconográfico e iconográfico através do exemplo de um cumprimento com chapéu. O gesto seria descrito em uma análise pré-iconográfica como a “retirada do chapéu da cabeça”, enquanto no nível iconográfico tal ação é tomada como uma “saudação”, um cumprimento (LIEBEL, 2010).” Aqui nessa etapa o objetivo é o significado geral que a imagem contém. Para isso buscam-se na totalidade dos elementos pré-iconográficos os temas e as alegorias.

4.3 Análise iconológica

Depois dessa primeira parte, denominada interpretação formulada, o passo seguinte é a análise iconológica que é a “interpretação da imagem através do estudo de sua singularidade como fonte histórica e social. Esse passo compreenderá a caracterização de elementos determinantes no reconhecimento de elementos coletivos, como um país, uma época ou uma classe, bem como de religiões, ideologias e filosofias”. (PANOFSKY apud LIEBEL, 2006, p. 39). Nesse sentido, a análise aponta para a visão de mundo e o *habitus* do grupo em questão ou do meio social abordado. Em suma, temos que buscar como se opera o pensamento e as ações dos produtores da imagem.

4.4 Análise icônica

Por fim e para completar a interpretação refletida iniciada na etapa anterior, temos a interpretação icônica oriunda do historiador da arte Max Imdahl. O foco agora é como a imagem é construída por isso aqui Imdahl diz que é importante o papel desempenhado pelas cores, linhas, luzes e demais características na hora de interpretar a imagem. O pesquisador Vinicius Liebel nos fala que: “A busca pela questão do “como” no método icônico é dirigida especificamente à natureza da imagem, ou seja, aos elementos técnicos que sustentaram a sua produção. (LIEBEL, 2010, p.5). E complementa do dizer que: “a proposta icônica de Imdahl se refere, assim, ao estudo da imagem pela imagem, ou seja, de sua constituição formal. No caso das charges, alguns destes elementos, como espacialidade e proporcionalidade, podem ser bastante comprometidos pela natureza muitas vezes disforme e irregular da imagem. Entretanto outros elementos, como a planimetria, podem resultar em dados diferenciados para

interpretação e que lancem luz a questões para as quais ainda não se havia atentado. "(LIEBEL, 2010, p.5)".

5. Aplicação do método documentário na charge:

Feito a apresentação inicial da imagem, vamos à aplicação da metodologia em si na charge em questão.

5.1 Interpretação Formulada

5.1.1 Análise pré-iconográfica:

Na imagem vemos um policial, numa posição de quem está pousando para uma foto, com a mão direita ele segura uma espécie de caixa que contém a "homenagem" e com a mão esquerda ele segura a tampa da caixa, ficando assim visível o conteúdo da mesma. No interior da caixa, temos um fundo preto com um círculo mais claro com um pouco de sangue e um indivíduo algemado com as mãos para trás deitado com a face para esse sangue. Esse indivíduo usa bermuda azul e uma camisa amarela e negro e esta descalço. Na tampa da caixa que está levantada bem no meio existe uma frase "Por relevantes serviços prestados". Perto do interior e da tampa da caixa há dois traços que indicam serem disparos de alguma arma de fogo. Eles lembram um formato de cruz. Quanto ao policial, como já foi dito ele está numa posição de lado como de alguém que está pousando para uma foto, ele usa uma camisa típica do uniforme da Polícia Militar de São Paulo com botões, golas e bolsos no peito e no braço direito uma faixa preta escrita ROTA em letras brancas como uma flecha apontando para o lado noroeste. Na gola direita temos a sigla SS. Os braços são brancos. Temos uma caveira no lugar do rosto de um suposto policial, essa caveira apresenta um sorriso e ela usa uma boina preta. Abaixo da cabeça temos a coluna vertebral e uma camisa azul por debaixo da camisa do uniforme.

5.1.2 Análise Iconográfica:

Como se pode ver abaixo do braço do personagem temos a assinatura de Latuff e o ano em que foi produzida a charge 2013, que como sabemos ficou marcado pelas manifestações de junho que se alastraram pelo país e um dos principais pontos desse movimento foi exatamente a repressão policial, e, sobretudo essa charge é uma crítica a uma homenagem feita pela Câmara dos Deputados de São Paulo a ROTA, por isso vemos que essa relação sendo intencional ou não feita pelo cartunista é um aspecto a ser analisado e somente entendendo o contexto é que podemos pinçar essa relação escondida num primeiro momento. Outro ponto a se analisar é o personagem retratado. É um policial com um uniforme da ROTA, no entanto esse policial é uma caveira, aqui podemos pensar em três questões: a primeira da associação da caveira com a morte, reforçado pelo sorriso do personagem. A segunda questão é figura da caveira como uma imagem aterrorizante, podemos entender que a PM representada pela ROTA é a imagem do medo. E o terceiro ponto é a desumanização que é feito com o policial ao longo da sua carreira, ele é condicionado a pensar que vive uma guerra e que todos são suspeitos e que a execução é justificável, com o tempo ela torna-se uma "caveira", no jogo feito pelo artista em outras palavras, um monstro. Em relação ao uniforme na gola do personagem temos a sigla SS, uma força paramilitar criada para dar apoio ao regime nazista, além de ter comandado vários campos de concentração e ter feito inúmeros crimes contra a humanidade.

Então percebemos que o cartunista faz uma analogia com a ROTA sendo que a mesma pertence ao Estado Brasileiro, que oprime. E a SS, como foi dito, apoiava o Estado nazista. Também ao analisarmos essa sigla podemos pensar numa crítica na direção que coloca a PM contra os direitos humanos de modo que ela só atua com o objetivo de exterminar. Por fim, uma Polícia que tem sua imagem associada ao medo e que dá suporte ao Estado opressor, temos a caixa com a premiação que o personagem recebe com um indivíduo negro e pobre, algemado mostrando sua submissão à violência policial e morto e descalço. O modo como ele está caído, com o rosto para o próprio sangue dando a entender, pela situação elucidada, algemado, que o indivíduo foi executado sem a menor chance de defesa, pelo fato de ser negro e pobre. Quanto ao fato de estar descalço e ser negro vemos uma referência histórica ao sistema escravocrata que não permitia que os escravos tivessem acesso a qualquer tipo de calçado, pois era esse um dos elementos que evidenciava a condição de cativo frente aos homens livres; afinal, conforme comenta Luiz Felipe de Alencastro (1997, 79), os calçados tiveram um simbolismo forte como marcador da condição de cativo para os negros. Esse ponto histórico é percebido aqui; pois o indivíduo negro e descalço passa-nos o entendimento que ele não está livre do preconceito e do racismo por parte da Polícia, mesmo depois de mais de 100 anos da abolição em nosso país e para finalizar o cartunista ainda usa como recurso a ironia ao lermos a frase na caixa: “Por relevantes serviços prestados”. A ironia vai na direção de que o personagem em questão está sendo homenageado por ter matado vários cidadãos pobres e negros de forma discriminatória, ou seja, prestou relevantes serviços à sociedade.

5.2. Interpretação Refletida

5.2.1 Composição Formal

Bohnsack ao apresentar o método argumenta, baseado em Imdahl, que existem três dimensões da análise da composição formal da imagem: [...] - a estrutura planimétrica total (*planimetrische Ganzheitsstruktur*), - a coreografia cênica (*szenische Choreographie*), - a projeção perspectivista (*perspektivische Projektion*). [...] (BOHNSACK, 2007, p. 299). A composição versa sobre as linhas horizontais e verticais e também questiona de que forma geométrica os atores estão colocados na imagem (fotografias e charges). Já a coreografia cênica trabalha com o ambiente em que ocorre a cena social no caso aqui analisado a charge e suas interpretações. Por fim, temos a projeção perspectivista que vai ao encontro do espaço e do corpo dos objetos na imagem e no mundo externo. Isto é, a perspectiva do autor da imagem e suas visões de mundo mediante a configuração dos objetos na cena da imagem.

O destaque da imagem recai sobre o personagem-policial e o conteúdo da homenagem que ele recebe (Imagem D). O produtor da imagem colocou o personagem policial ocupando toda a planimetria da imagem e o jovem negro morto que é o conteúdo da homenagem que ele recebe aparece num plano menor e em diagonal, com o rosto virado para o cimento com sangue. Aliás, a caixa é colocada na linha diagonal para destacar o que tem dentro da caixa do homenageado (Imagem D).

O ambiente da imagem tem um fundo branco. O autor frisa o espaço da caixa onde está a homenagem do personagem com um fundo preto na tampa e em volta do outro personagem, que é a vítima do policial, dentro desse fundo preto que cerca o personagem o artista coloca um círculo cinza que lembra um chão que recebeu concreto, muito comum nas favelas brasileiras. (Imagem C).

A perspectiva do produtor da imagem vai na direção de destacar o jovem morto como conteúdo da homenagem na posição diagonal e colocar também o personagem-policial ocupando toda a imagem numa postura formal de quem recebe um prêmio e que está orgulhoso disso (Imagem D). O logo da corporação também é destacado, quando é apresentado no braço direito do policial e por isso sem ficar tampado pela caixa fica nítido ao leitor da imagem e assim mostrando a força da ROTA perante o poder público e a própria sociedade. Por último, cabe elucidar a perspectiva da vítima no caso o jovem negro numa posição submissa, morto e algemado, passando a visão da violência policial nas periferias e o ciclo dessas práticas violentas nessas áreas, com esse grupo de jovens. (Imagem C).

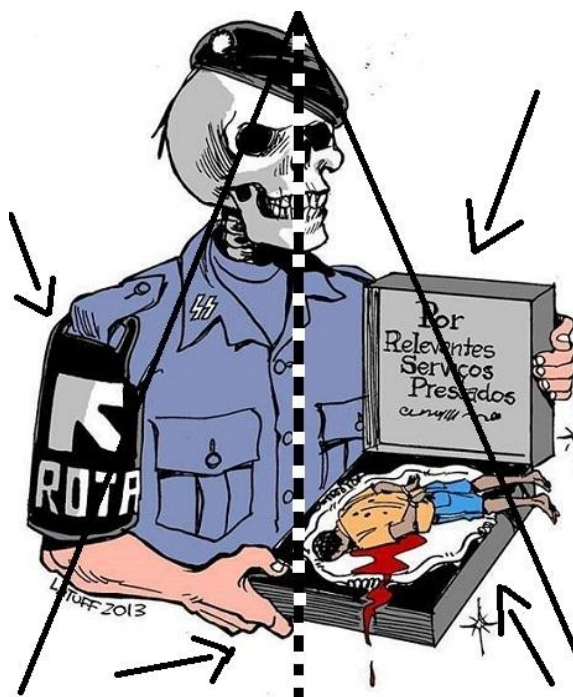


Imagem C. Análise

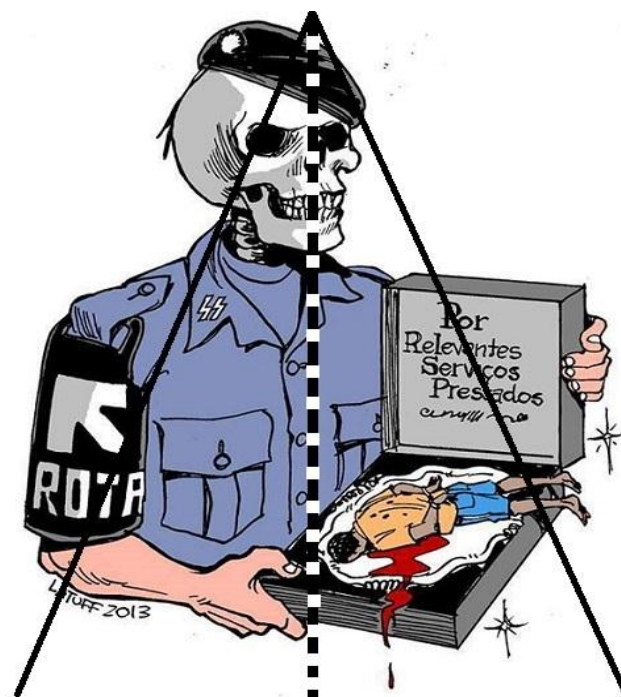


Imagem D -

Análise

5.2.2 Análise iconológico-icônica:

Carlos Latuff em muitas outras charges denunciou a violência policial. Nesse sentido, é importante entender de onde fala Latuff. O *Habitus* do produtor da imagem é oriundo dos movimentos sociais e de uma prática artística engajada com as questões sociais. O cartunista quer problematizar como a PM tem como ideologia a eliminação de indivíduos de forma indiscriminada. A posição do policial na imagem é sintomática para entendermos a mensagem de Latuff. Destaca-se a caveira como símbolo do medo e da morte. Além da já comentada sigla SS. Fica claro que a intenção de associar o policial com o nazismo e a violência e o horror. Pode-se pensar ainda em uma associação com o terrorismo, um agente do Estado que provoca terror nos cidadãos. O Policial se utilizaria da violência e do abuso de autoridade para fazer uma “higiene social”, isso é colocado pelo cartunista como um *habitus* do policial no seu cotidiano, só que esse *habitus* prejudica a camada pobre e negra da sociedade. Fabiano Augusto Martins Silva ao estudar a malandragem frente ao contato com a polícia e suas nuances nos diz que:

A prova mais pujante do estado de suspeição do negro, do favelado, no entanto, está na consagração da prisão para averiguações, quando então os

estereótipos manipulam eficientemente o *status libertatis*. Prescinde-se da existência de um fato concreto, tudo para que o suspeito seja levado a prestar explicações, seja dissecado em sua intimidade, seja averiguado do ponto de vista moral. Permite-se dizer, pois, que o racismo é uma grande prisão para averiguações. (SILVA, 2010, p. 146).

Possivelmente podemos pensar que muitos jovens negros são detidos ou presos para “averiguação” e acaba tendo o mesmo destino do jovem retratado na imagem. Nesse sentido Silva argumenta que essas abordagens abusivas são negativas já que:

O fato de ser uma condenação à morte, em especial, revela que os métodos de abordagem policial têm, ainda, o efeito dramático de naturalizar a violência, de planificá-la, de torná-la uma moeda de troca, um patrimônio de todos. A violência converte-se, enfim, em linguagem de fácil entendimento. (SILVA, 2010, p. 152).

Continuando, a mensagem da charge como já foi dito é uma ironia, que o cartunista quer frisar mostrando que o *habitus* das instituições brasileiras no caso a Câmara dos deputados de São Paulo é conceder homenagens a policiais violentos e truculentos. Fica implícito que a caveira, além de trazer a mensagem do medo e da morte, esconde o rosto de um interlocutor que não fala, não questiona, mas apenas obedece. Este é o soldado da ROTA. A caveira no lugar de um rosto é a metáfora do agente robotizado pelo sistema. A posição da flecha virado para o noroeste também merece ser analisada. No logo oficial, a flecha aponta para uma estrela, cremos que isso quer nos dizer que a estrela é a dignidade que a “ROTA” persegue prendendo todos os criminosos que prejudicam o cidadão paulistano, uma vez que esse é o lema da ROTA: “Dignidade acima de tudo”.

A posição do indivíduo negro e de cara para o chão indica a permanência de elementos alinhados com a teoria de Césare Lombroso que influenciaram o código penal de 1940. Lombroso postula, através da Frenologia, isto é, dos estudos da morfologia de crânios de criminosos, que haveria indivíduos pré-dispostos ao crime, sobretudo negros e mulatos sendo estes com “capacidade mental incompleta”, e, diante disso, eles deveriam se submeter a outras normas. Antonio Carlos Ferreira ao estudar a influência das ideias de Lombroso no código penal brasileiro de 1940, conclui que:

Entretanto, também verificou-se que a influência de Cesare Lombroso não se limitou à doutrina brasileira, de forma que os conceitos trabalhados na obra “O Homem Delinquente”, estiveram presentes em diversos institutos do Código Penal de 1940. Ocorre que no Brasil a questão do criminoso nato foi tratada de forma diversa, recebendo contornos raciais e sendo utilizada para afastar inimigos do regime. (FERREIRA, 2010, p. 79).

Acontece que essa postura vigente em um contexto particular de um período turbulento da História do Brasil, Estado Novo. Atualmente vivemos em no estado democrático de direito, onde os direitos estão assegurados pela Carta magna de 1988. A charge mostra que a prática do contexto atual é bem diferente da teoria, e deixa claro o descompasso entre a realidade cotidiana e a legislação penal.

Talvez seja preciso voltar um pouco mais no tempo para entender a questão. Com a emergência dos estudos sobre a raça no século XIX, vão surgir duas correntes que vão debater a origem das raças: o monogenismo e o poligenismo. O primeiro de influência cristã pregava que o homem teria surgido de uma fonte comum, logo os diferentes seres humanos nada mais seriam que anomalias da perfeição do Éden. A segunda versão, com um caráter mais racionalista, dizia que houve não um só lugar de

criação mais vários, correspondendo assim às diferenças raciais existentes. (SCHWARCZ, 1995, p. 49).

Mais do que isso, o poligenismo permitiu uma interpretação biológica do comportamento humano, entendidos como resultados de leis da biologia e da natureza. Deste modo abrindo espaço para estimular a já falada Frenologia e a antropometria. Ideias que entendiam a capacidade humana por meio da morfologia craniana dos diferentes grupos étnicos. Ganha impulso um método determinista que se dizia observador da natureza biológica da conduta do criminoso. Nascia a antropologia criminal, onde encaixam-se os estudos de Cesare Lombroso, que postulava o crime ser físico e hereditário e deste modo podendo ser encontrado nas diferentes sociedades, sobretudo as africanas. (SCHWARCZ, 1995, p. 50). Estava em gestação o respaldo para marginalizar o negro na sociedade brasileira. Não é por acaso que o Código penal brasileiro se guiou pela antropologia criminal de Lombroso.

O negro fica assim numa condição permanente de suspeito e que precisa ser vigiado sobre isso novamente recorrendo a Silva em seu estudo sobre os malandros em contato com a polícia fala que: “Sugerir que o negro se encontra em *permanente estado de suspeição* nas ações policiais seria apenas um retrato entre tantos estereótipos que povoam o universo simbólico do preconceito racial. Um retrato que, no entanto, pode ser extremamente revelador quanto às preferências do sistema penal.” (SILVA, 2010, p.142).

Os pés descalços marcam um jogo presença/ausência. Faltam os calçados, aparece a condição histórico-social. Retomando Alencastro, o escravo: “[...] podia ter meios para vestir calças bem-postas, paletó de veludo, portar relógio de algibeira, anel com pedra, chapéu-coco e até fumar charuto em vez de cachimbo. Mas tinha de andar descalço. Nem com tamancos, nem com sandálias. De pé no chão. Para deixar bem exposto o estigma indistigável de seu estatuto de escravo” (ALENCASTRO, 1997, p. 79). Na imagem essa referência histórica é usada nesse sentido social como algo significante na imagem. Em outras palavras um jovem negro sem calçado morto numa posição de submissão como um escravo.

5. 3 Análise textual:

A frase “Por relevantes serviços prestados” expõe uma ironia profunda e não pode ser analisada descolada da imagem: o policial ali representado por ter matado várias pessoas de forma violenta e sem punição está sendo agraciado com uma homenagem do Estado Brasileiro, logo reforça o estereótipo de que o policial bom e competente é o que tortura e mata e não o que cumpre sua função respeitando os direitos humanos. A charge, ao ironizar, busca mostrar como o Estado Brasileiro é envolvido nessas práticas. A legenda embaixo do braço do policial retratado, que é a assinatura do cartunista (“Latuff 2013”), que parece estar num primeiro momento fora de análise, é indicadora do pensamento e do posicionamento do autor, de sua visão de mundo no contexto de 2013, ano de vários protestos pelo país.

6. ROTA e PCC

No momento em que a polêmica em torno da charge de Latuff ganhava visibilidade, ocupava espaço na mídia os atritos e as disputas entre o PCC (Primeiro Comando da Capital) e A ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), no Estado de São Paulo. O PCC nasceu em 1992 depois do massacre do Carandiru com a trágica soma de 111 mortos. O grupo ficou notabilizado pelos ataques a ônibus e bases da polícia em todo o Estado. A organização tem crescido desde sua fundação, a ponto de territorializar seu poder, como em São Paulo. Desse modo o PCC intervém e normatiza aspectos da vida cotidiana nas periferias. Segundo o pesquisador Graham Willis, ao comentar a “Queda de homicídios em São Paulo”: “O PCC é produto, produtor e regulador da violência”. Em outras palavras, a regulação do PCC passa também por quem morre e por quem vive na cidade, contrariando o governo de São Paulo que afirma que o índice de homicídios diminuiu consideravelmente, graças às ações governamentais. O PCC compreendeu no desenrolar dos anos desde sua fundação que é melhor ficar na invisibilidade para não atrapalhar seus negócios. O PCC montou uma estrutura baseada em assistência social, ações solidárias que visam uma reciprocidade com os moradores e principalmente um estado de segurança relativa nas áreas periféricas de São Paulo, onde a polícia é malvista, ou seja, ele substituiu uma suposta ordem estatal que muitas vezes é ausente por uma nova ordem social que se aproxima dos moradores por meio de trocas sociais.

Nas palavras de Graham Willis: “[...] ter um ambiente de segurança controlado, com regras internas muito rígidas que funcionem [...]” é uma estratégia do PCC. O pesquisador ainda postula que ataques promovidos pelo PCC são casos isolados, o problema não está na repressão ao mercado de drogas, mas sim quando o grupo sente sua segurança ameaçada. E a resposta policial como sabemos é sempre mais violenta ainda. O que apenas reforça a ideia de proteção. Em certo sentido, quanto mais se ataca o PCC, mais ele fica forte. Este pode ser o erro das nossas autoridades, continuar a responder de forma mais violenta contra o PCC, achando que o está enfraquecendo, quando na verdade pode estar fortificando ele ainda mais, sem precedentes. E a situação precária das prisões vem a somar nisso. O massacre do Carandiru mostrou claramente essa situação. Afinal quem está fora protege quem está dentro. Essa é a lógica do PCC. Priorizar a repressão e continuar a não investir no sistema penal e sobretudo, não debater a função social de ressocialização e ver o sistema penitenciário apenas como uma forma de punição pode gerar um conforto na população ávida por justiça no presente, no entanto pode-se mostrar um erro no futuro.

7. Considerações finais

Antes de tudo precisamos nos atentar para não cometermos três grandes equívocos quando se discute a polêmica em torno da charge e do seu uso. O primeiro é reduzir todo o trabalho da escola ao banner. O projeto não era apenas um *banner* com a charge do artista Carlos Latuff. Seria agir de má-fé esquecer ou negligenciar os outros vinte *banners* construídos pelos alunos. Sem contar as palestras e a discussão do livro “Vigiar e punir” do filósofo francês Michel Foucault durante o semestre escolar. O segundo erro é entender a representação da polícia e da homenagem na charge como simétricos. Não podemos criar, mesmo que sem a intenção a imagem da polícia como criminosa, levando a uma generalização dos profissionais. O terceiro pode ser cair na dicotomia: bem ou mal. Em outras palavras, “ou se está do lado da polícia ou do lado da escola”, assim como a escola a polícia é uma instituição estatal que acerta e erra e deve ser criticada, desde que não sejam ofensivas as instituições em questão. Tecer críticas à

postura da polícia, não impede que denunciemos a morte de policiais, uma crítica não anula a outra.

Vimos que por trás da charge podemos descobrir vários discursos que o autor opera, podendo ser intencionais ou não. Ainda observamos algumas referências históricas como a SS e os pés descalços em que o cartunista buscou fazer uma analogia com os dias atuais no que concerne à violência policial. O artista mostrou ter uma veia crítica muito forte sobre os casos de violência policial, fazendo várias críticas por meio de discursos e até deixando aberto para outras interpretações. A nossa análise obviamente partiu de uma subjetividade, por isso a imagem merece mais avaliações e leituras para podermos comparar e construir uma visão mais ampla dos significados presentes nela.

Os professores podem e devem abordar esses temas (violência, criminalidade, discriminação, racismo, etc.) em sala de aula, e um projeto como esse que envolveu a escola é uma alternativa interessante. Quanto ao uso da imagem no *banner*, percebe-se que a charge foi colocada de forma solta, sem um tratamento mais metódico e aprofundado, cumprindo, basicamente, um papel ilustrativo. Uma vez que os estudantes estão ainda no ensino médio, caberia aos professores a tarefa de orientar um aprofundamento teórico-metodológico.

Seria mesmo adequado a realização de uma oficina ou palestra específica sobre charges na qual poderia ser convidado o artista Latuff, durante o andamento do projeto para explicar quais são suas concepções e inspirações na hora de construir suas charges e não apenas depois da polêmica ter repercutido. Ainda que não fosse possível trazer o artista naquele momento, os próprios professores poderiam em conjunto ministrar as palestras e oficinas, existe um bom material disponível para se trabalhar com os alunos na internet. É perigoso não dar um bom tratamento para as imagens, pois como sabemos existe todo um contexto quando da publicação dessa imagem e principalmente devemos deixar claro que a charge nasce da subjetividade do autor diante de princípios, ideias, ideologias de seu meio social. Isso tudo deveria ter sido deixado claro aos alunos. Além disso, muitos desses alunos não devem ter uma visão muito positiva da polícia e de seus “serviços prestados” e com uma ação infeliz como esta reforça esse olhar o que não é positivo para a sociedade.

Destarte entender o ambiente em que ocorre a cena social retratada é sempre importante para localizar quem faz a leitura da imagem. No mesmo sentido, é notório mostrar como as formas geométricas colocadas sejam na foto, charge, caricatura ou outra linguagem visual nos dizem como o produtor da imagem coloca os atores ali reproduzidos e representados. E também analisar a perspectiva do autor da imagem analisando como estão postos o espaço e o corpo dos objetos, ou seja, direcionando para o mundo externo também a análise.

A ideia de abordar o tema é muito positiva, porém a realização teve equívocos no que tange à charge. Outras formas de abordagem existem, apontamos apenas algumas, a escola deve continuar com esses projetos, são muito interessantes no processo pedagógico, a única ressalva é que seja feita as abordagens de forma mais responsável. Nossas críticas não tem a função de reduzir o mérito do projeto desenvolvido na escola ou desvalorizar a iniciativa dos professores e da escolar em organizar essa atividade. Ao contrário buscamos oferecer alternativas e possibilidades para essa ótima iniciativa frente à rotina desgastante da docência em nosso país. Por isso, o projeto é louvável e merece ser valorizado.

8. Referências

ALENCASTRO, Felipe Luiz. Vida privada e ordem privada no Império. In: **História Da Vida Privada No Brasil (Volume 2)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DIÁRIO DE SOROCABA. **Carlos Latuff vem à Cidade para ato em favor da liberdade de expressão**. Disponível em:

<http://www.diariodesorocaba.com.br/noticia/242623>. Acesso em: 20 jul. 2016.

FERREIRA, Antonio Carlos. **A Escola Positiva no Brasil: A Influência Da Obra “O Homem Delinquente”, De Cesare Lombroso, No Pensamento Penal e Criminológico Brasileiro entre 1900 e 1940**. 2010. 83 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Direito) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

GUIMARÃES, Thiago. **Queda de homicídios em SP é obra do PCC, e não da polícia, diz pesquisador**. BBC Brasil. São Paulo, fev. 2016. Seção Brasil. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160210_homicidios_pcc_tg. Acesso em: 26 fev. 2016.

LATUFF, Carlos. **Perfil no Facebook**. Disponível em:

<https://www.facebook.com/realcarloslatuff/photos?pnref=lhc>. Acesso em: 15 jul. 2016.

LIEBEL, Vinícius. A Análise de Charges segundo o Método Documentário. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (org.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação - Teoria e Prática**. Vozes: Petrópolis, 2010.

LIEBEL, Vinícius. Entre Sentidos e Interpretações - Apontamentos sobre Análises Documentárias de Imagens. ETD. **Educação Temática Digital**, v. 12, p. 172-189, 2011.

LIEBEL, Vinícius. Reconstruindo Imagens - o método documentário de análise. In: XV Congresso Brasileiro de Sociologia, 2011, Curitiba. **Anais do XV Congresso Brasileiro de Sociologia**, realizado em Curitiba-PR, de 26 a 29 de julho de 2011, 2011.

POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE SÃO PAULO. **ESCLARECIMENTO E REPÚDIO**. Disponível em:

<http://policiamilitardesaopaulo.blogspot.com.br/2015/09/esclarecimento-e-repudio.html>. Acesso em: 15 jul. 2016.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Uma história de “diferenças e desigualdades”. As doutrinas raciais do século XIX. In: **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

SILVA, Daniele Barros Macedo. **A charge em sala de aula**. 2005. (Curso de curta duração ministrado/Outra).

SILVEIRA, Fabiano Augusto Martins. O malandro nos contatos com a polícia: identidade e seletividade racial do sistema penal na discografia de Bezerra da Silva. **Revista Liberdades**, v. 5, 2010.

SITE G1.COM. **Trabalho escolar questiona ação da PM: “Grande problema na atualidade”**. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sorocaba-jundiai/noticia/2015/09/trabalho-escolar-questiona-acao-da-pm-grande-problema-na-atualidade.html>. Acesso em: 12 out. 2015.

SITE BBC BRASIL. **Queda de homicídios em SP é obra do PCC, e não da polícia, diz pesquisador**. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/02/160210_homicidios_pcc_tg